

MARCAS DO TRAUMA: SONHO E SOFRIMENTO PSICOLÓGICO EM “LÍBIA MOIRÃ”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

TRAUMA MARKS: DREAM AND PSYCHOLOGICAL SUFFERING IN “LÍBIA MOIRÃ” BY CONCEIÇÃO EVARISTO

MARCAS DEL TRAUMA: SUEÑO Y SUFRIMIENTO PSICOLÓGICO EN “LÍBIA MOIRÃ”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Juciara Santana da Luz¹
Murillo Cesar da Silva Silva²
Lahiri Lourenço Argollo³

RESUMO: O universo da Literatura apresenta-se como um rico e dinâmico espaço não apenas de experiência estética e construção de sentidos, como também de diálogo com outras áreas do conhecimento. Assim, ao entrar em contato com narrativas, estreita-se, no processo de leitura, uma relação com as personagens, o que possibilita o ingresso na complexidade da experiência humana. Nessa perspectiva, o presente ensaio, que adota a metodologia qualitativa de caráter bibliográfico, tem como finalidade apresentar aspectos relacionados ao contexto da Psicologia a partir da análise do conto “Líbia Moirã”, que compõe a obra “Insubmissas lágrimas de mulheres” (2016), da escritora brasileira Conceição Evaristo (1946-). Com essa proposta, evidencia-se que a leitura dessa narrativa literária promove a compreensão da recorrência do sonho, como sinal de questões de ordem emocional pendentes, e dos impactos psicológicos decorrentes do trauma e do sofrimento, que - no conto - leva a personagem a três tentativas de suicídio.

2293

Palavras-chave: Literatura. Escrivência. Psicologia. Trauma. Sonho.

ABSTRACT: Literature represents a rich and dynamic space not only for aesthetic experience and the construction of meaning but also for dialogue with other fields of knowledge. Thus, engaging with narratives fosters a closer relationship with the characters during the reading process, allowing an exploration of the complexity of human experience. In this perspective, the present essay, adopting a qualitative bibliographic methodology, aims to present aspects related to the field of Psychology through the analysis of the short story “Líbia Moirã,” included in the work “Insubmissas lágrimas de mulheres” (2016) by Brazilian writer Conceição Evaristo (1946-). This approach highlights how reading this literary narrative helps understand the recurrence of dreams as indicators of unresolved emotional issues, as well as the psychological impacts of trauma and suffering, which, in the story, lead the character to three suicide attempts.

Keywords: Literature. Escrivência. Psychology. Trauma. Dream.

¹Graduanda em Psicologia pela Faculdade de Ilhéus.

²Doutor em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Professor do Curso de Psicologia da Faculdade de Ilhéus.

³Mestre em Inovação Tecnológica pelo PROFNIT (polo UESC), Doutorando em Direito (DINTET UESC-UFSC) e Coordenador do Curso de Psicologia da Faculdade de Ilhéus.

RESUMEN: El universo de la Literatura se presenta como un espacio rico y dinámico no solo de experiencia estética y construcción de sentidos, sino también de diálogo con otras áreas del conocimiento. Así, al entrar en contacto con las narrativas, se estrecha, en el proceso de lectura, una relación con los personajes, lo que permite el acceso a la complejidad de la experiencia humana. Desde esta perspectiva, el presente ensayo, que adopta una metodología cualitativa de carácter bibliográfico, tiene como objetivo presentar aspectos relacionados con el contexto de la Psicología a partir del análisis del cuento “Líbia Moirã”, que forma parte de la obra “Insubmissas lágrimas de mulheres” (2016), de la escritora brasileña Conceição Evaristo (1946-). Con esta propuesta, se destaca que la lectura de esta narrativa literaria favorece la comprensión de la recurrencia del sueño, como señal de cuestiones emocionales no resueltas, y de los impactos psicológicos derivados del trauma y del sufrimiento, que - en el cuento - llevan a la protagonista a tres intentos de suicidio.

Palabras clave: Literatura. Escrivencia. Psicología. Trauma. Sueño.

A FUNÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO E A POTENCIALIDADE DA “ESCREVIVÊNCIA”

O texto literário possui uma peculiaridade que o faz diferenciar-se de outros não literários: o tratamento dado à linguagem. O procedimento adotado na literatura caracteriza-se pelos “[...] desvios da linguagem em relação ao uso comum; uma emoção, uma alteração do estado psíquico normal provoca um afastamento do uso linguístico normal [...]” (REIS, 2003, p. 24). Nesse sentido, a forma como são narrados fatos e vivências desloca o sentido das palavras de seu emprego habitual, já que o texto literário, no qual se evidencia a predominância da função poética da linguagem, proporciona ao leitor a possibilidade de compreender a realidade sob a perspectiva da estética.

Nesse contexto, além de disponibilizar conexões simbólicas que suscitem reflexões sobre temas relacionados às mais diversas áreas do conhecimento, o texto literário, construído a partir de recursos estilísticos, dos quais, segundo Carlos Reis (2003, p. 179), fazem parte “[...] as conotações, os registros valorativos ou a ambiguidade própria de certas formações verbais [...]”, ou ainda “[...] figuras de dimensão eminentemente semântica (metáfora, comparação, sinédoque, metonímia, oximoro, etc.) e procedimentos de representação como o símbolo e a imagem [...]”, oferece a possibilidade de, por meio do universo ficcional, compreender a realidade vivencial.

Ao entrar, por exemplo, em contato com narrativas e personagens em sofrimento emocional decorrente de traumas, podem-se ativar, no processo de leitura, mecanismos psicológicos, como o medo e a angústia, relacionados a traumas vivenciados, na mesma proporção, por quem se encontra diante da narração. Assim, a “[...] infinita possibilidade que

[oferece] aos leitores de penetrarem na complexidade da experiência humana.” (SIMAS-ALMEIDA, 2019, p. 11) a partir da construção de modelos que promovem a percepção de realidade, bem como a reconstrução de experiência (GELLHAUS, 2012) potencializam o texto literário como indispensável instrumento de reflexão e compreensão de questões de natureza psicológica.

Nessa perspectiva, chega-se à conclusão de que, além da função estética, caracterizada pelos deslocamentos semânticos na linguagem, os quais objetivam a expressão do belo, o texto literário possui função cognitiva. Isto porque a literatura tem papel essencial na transmissão de conhecimento, bem como no processo de humanização do indivíduo, já que, segundo Antônio Cândido (1995, p. 254),

[...] confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

Partindo, pois, do entendimento de Cândido acerca do papel humanizador da literatura, evidencia-se nela uma potencialidade civilizatória uma vez que oportuniza ao leitor o afinamento das emoções e amplifica a visão de mundo, tornando-o sensível às dores do outro. Nesse sentido, a literatura não só desperta o sentimento de empatia, como também apresenta situações que promovem a aquisição de conhecimento a respeito de questões relacionadas ao contexto da Psicologia.

Esse caráter humanizador encontra-se presente na obra “Insubmissas lágrimas de mulheres” (2016), da escritora brasileira Conceição Evaristo (1946 -). No supracitado livro, reúnem-se contos os quais trazem - para o centro da narrativa - protagonistas que “[...] evidenciam modos de ser diante das condições de vulnerabilidade e exposição à violência, ao mesmo tempo que tecem caminhos de resistência que nos convocam a ouvir suas vozes e entender seu caminhar.” (COSTA e HILLESHEIM, 2022, p. 507). A promoção dessa escuta de vozes da resistência é viabilizada pela “escrevivência”, conceito cunhado por Evaristo.

No espaço (auto)biográfico, onde circulam diferentes relatos de vida, a “escrevivência”, neologismo resultante da fusão entre “escrever” e “vivência”, supera o caráter meramente narrativo de um eu - que se permite narrar-se - para promover, junto a sua voz individual, a emersão de vozes coletivas. Desse modo, “[a narração da] singularidade da vida e seus eventos,

levando-a a ser conhecida por um grande número de pessoas, constitui uma possibilidade de transcendência [...]” (MITIDIÉRI e SILVA, 2015, p. 92), bem como de resistência.

O ato de resistir, sobretudo pelas mãos escreventes de Conceição Evaristo (2007, p. 20-21), realiza-se porque “Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua autoinscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras [...]”, dedicar-se ao exercício da escritura literária é promover a aquisição do sentido de insubmissão. Diante disso, percebe-se a escrita não somente como atividade de inserção no mundo, mas também de existência, resistência e ressignificação.

A escritura evaristiana promove, portanto, reflexões acerca das experiências e da construção histórica do negro cuja subjetividade foi afetada pelas violências física e simbólica, as quais o condenaram “[...] a um corpo sem vida, e, como alternativa para sua sobrevivência, passou a ‘vestir a máscara branca e desviar do destino mortal de ser negro.’” (FILHO e MATOS, 2024, p. 3). Ao propor a escrevivência a partir da confluência entre realidade vivencial e ficção, Conceição Evaristo convida a refletir sobre questões de raça e gênero, bem como a pensar de que maneira

[...] vão se constituindo experiências/modos de subjetivação, formações discursivas e práticas que posicionam as mulheres em relação a situações de vulnerabilidade, bem como possibilidades de resistência, especialmente diante da violência, que aparece de forma recorrente nos contos. (COSTA e HILLESHEIM, 2022, p. 511).

2296

A disposição para discutir essas questões e, por meio da escrita, suscitar reflexões provém de uma voz feminina e negra que não se permite o silenciamento e percebe “[...] que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida.” (EVARISTO, 2007, p. 20). Nesse contexto, a escrevivência evaristiana, bem como a de outras mulheres negras, “[...] explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra.” (EVARISTO, 2005, p. 205). A escrevivência torna-se, portanto, veículo de divulgação das diferentes experiências de mulheres negras, instrumento de resistência que promove espaço de escuta, onde as histórias compartilhadas tornam-se mote para a ficção de Conceição Evaristo.

Nesse sentido, ao lançar-se à produção ficcional, a qual extrai da realidade as vivências que constituirão o enredo da narrativa, a “[...] dor que sofre o personagem será sentida por quem o criou [...], é a fusão do sentimento do ficcionista com a narrativa e, mais de perto, com o destino dos personagens.” (BRASIL, 2019, p. 16). Nessa perspectiva, a dor experienciada pelas inúmeras personagens de Conceição Evaristo afeta a ficcionista, que - em relação às histórias

divididas nos momentos de escuta - compartilha, nas primeiras páginas de “Insubmissas lágrimas de mulheres” (2016 p. 7), sua experiência:

Gosto de ouvir, mas não sei se sou a hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. E, quando de mim uma lágrima se faz mais rápida do que o gesto de minha mão a correr sobre o meu próprio rosto, deixo o choro viver. E, depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar. [...].

São essas histórias reais e carregadas de subjetividades que promovem a emersão das escrevivências evaristianas. São personagens ficcionais cuja construção existencial, muitas vezes, encontra-se vinculada a traumas e sofrimentos emocionais, mas também a histórias de luta e resistência. Assim, da coletânea de contos presentes na obra supramencionada, destaca-se “Líbia Moirã” (2016), homônimo da personagem que compartilha seu trauma e as consequências decorrentes do sofrimento emocional.

A INQUIETAÇÃO EMOCIONAL DE LÍBIA MOIRÃ

Inicia-se, no conto, um diálogo em momento sugestivamente de escuta. Ao se referir a mulheres com quem conversou, a narradora relata o incômodo de Líbia quando a esta foi pedido que compartilhasse as vivências. Segundo ela, Líbia “[...] quis saber o porquê de meu interesse em escrever histórias de mulheres e, em seguida, me sugeriu se não seria mais fácil eu inventar as minhas histórias, do que sair pelo mundo afora, provocando a fala das pessoas, para escrever tudo depois.” (EVARISTO, 2016, p. 87). Na passagem, a observação da personagem em “[...] provocando a fala das pessoas [...]” sugere, no contexto da Psicologia, o papel do(a) terapeuta.

Após a observação, Líbia resolve compartilhar um sonho que a perseguia desde a infância, por volta dos cinco anos de idade. “Tão angustiante era a sensação que esse sonho me causava, que havia períodos em que eu passava dias e dias sem querer dormir.” (2016, p. 87). Essa aflição, nos momentos de maior temor, fazia com que ela fugisse para o quarto dos pais, na esperança de que fosse acolhida. Todavia, esbarrava-se com a frustração, uma vez que “Mamãe sem me consolar, quando acordava, me despachava do quarto e, muitas vezes, o caçulinha era banido também” (2016, p. 87-88). A imagem da expulsão aqui descrita favorece a discussão acerca do sentimento de abandono que, ao ser nutrido por uma criança, a torna refém dos traumas.

Na passagem supramencionada, a sensação de desamparado vivenciado por Líbia e o irmão implica, no âmbito psíquico, fragilidades emocionais, como a insegurança e o medo, e

impacta a formação da subjetividade, tornando-a incapaz de não somente se posicionar, como também de posicionar as próprias histórias (SCHOR, 2016). Desamparar é, por conseguinte, negar ajuda, é não promover ao outro a possibilidade de minimizar o sofrimento e essa negação viabiliza a “[...] paralisia subjetiva determinada pela experiência jamais cicatrizada (e, portanto, jamais terminada) de um insuportável abandono ocorrido na mais tenra idade” (SCHOR, 2016, p. 27).

Nessa perspectiva, o desamparo desencadeia-se pela impossibilidade de realização de uma ação singular cuja finalidade consiste em satisfazer demandas urgentes (ZAVARONI e VIANA, 2015). Na situação da personagem Líbia, a necessidade é buscar o alívio da angústia engatilhada pelo pesadelo o qual se manifestava sempre que, segundo a personagem,

[...] vencida pelo cansaço, adormecia e o pesadelo me assolava. Sempre o mesmo: eu, perdida em algum lugar indefinido, sozinha e vendo alguma coisa grande, muito grande, querendo sair de um buraco muito pequeno. O movimento dessa coisa grande rompendo o buraco pequeno era externo a mim, mas me causava uma profunda sensação de dor. [...] (EVARISTO, 2016, p. 88).

A atitude de buscar refúgio ao lado dos pais, como se observa, encontra-se relacionada à “dependência dos adultos que o circundam” e, conseqüentemente, do “acolhimento de suas demandas e da realização, por parte de seus cuidadores, da ação específica necessária à satisfação de suas necessidades e ao escoamento da tensão [...]” (ZAVARONI e VIANA, 2015, p. 334), que, na narrativa, é promovida pela experiência do pesadelo.

2298

A vivência da desproteção familiar, muitas vezes, resulta em trauma psicológico que pode perdurar até a fase adulta. Em uma perspectiva sintética de pontos evidenciados por Freud acerca da noção de trauma, Laplanche e Pontalis (1988) a conceituam como uma ocorrência experienciada pelo indivíduo, a qual, por um lado, se define pela intensidade, e, por outro, pela incapacidade desse indivíduo reagir de maneira adequada em decorrência do transtorno e dos efeitos patogênicos perduráveis que - na constituição psíquica - produz.

Essa incapacidade de reação adequada submete a personagem à condição de fragilidade, como se evidencia no medo de dormir sozinha, e é potencializada pelo desamparo. A impotência diante da situação - somada à incompreensão das outras pessoas acerca do sofrimento psíquico - leva Líbia a um desejo de libertação existencial por meio do suicídio. Isso porque uma situação traumática externa encontra-se designada a promover um distúrbio em grande proporção na atividade energética do organismo (FREUD, 1996/1920). Diante dessa situação, “Não há mais possibilidade de impedir que o aparelho mental seja inundado com grandes quantidades de estímulos [...]” (FREUD, 1996/1920, p. 40).

Tendo que lidar não somente com a inquietação emocional, como também com a incompreensão de membros da família a respeito do sofrimento pelo qual está passando, a personagem vê-se obrigada a suportar a dor da privação. Além de se tornar alvo das orientações e prescrições das mulheres mais velhas da família, uma vez que delas vinham “[...] conselhos, remédios, benzeções, julgamentos, diagnósticos [...]” (EVARISTO, 2016, p. 88), também se decretou “[...] a interdição de passar as férias, ou uma noite pelo menos, na casa de meus avós, de minhas tias ou de qualquer parente.” (EVARISTO, 2016, p. 88), conforme relata a personagem.

A justificativa para impedi-la de desfrutar das férias que, para uma criança, constituem momentos de brincadeiras e confraternização ao lado de outras crianças apresenta-se destituída de empatia com a dor alheia. Quem haveria de “[...] suportar uma menina que acorda berrando à noite, perturbando com seu constante e atormentado sonho todos os que estão por perto?” (EVARISTO, 2016, p. 88). Embora seja esse questionamento (que caracteriza uma justificativa) apresentado pela própria personagem, há de se destacar que essa é uma leitura de quem vivencia o duplo aspecto da dor: a emocional e a do julgamento.

Segundo Líbia, a condição de desordem emocional em que se encontra rendeu, “De minhas irmãs e outras crianças, vários apelidos e comentários jocosos” (EVARISTO, 2016, p. 88). Aqui, é importante tocar em uma questão sensível no contexto infantil: a prática do bullying. Esse ato consiste em um conjunto de ações carregadas de agressividade e intencionadas que promovem sofrimento, angústia e dor. Essas ações podem se manifestar por meio de intimidações, gozações, insultos e apelidos cruéis. (FANTE, 2005).

Em decorrência do bullying que sofria, bem como de histórias inventadas, como a “[...] de que eu não ia morrer nunca, pois as pessoas, quando estavam para morrer, dormiam e acordavam mortas. Isto porque quase uma dezena de pessoas de nossa família tinha morrido à noite. [...]” (EVARISTO, 2016, p. 89), Líbia se vê diante de um tormento o qual se junta aos seus dias tão agoniados. Segundo ela,

Fiquei a me imaginar velha, muito velha, a pessoa mais velha do mundo, fraquinha, sem aguentar trabalhar e tendo de suportar a vida. E tudo se confundiu nos meus sofrimentos. Eu, sozinha, perdida no sonho, vendo algo muito grande a sair de um buraco muito pequeno e eu sozinha, perdida no mundo, a única vivente que não morreria. Foi então que, com essa pouca idade, decidi me matar. (EVARISTO, 2016, p. 89).

A partir dessa passagem, infere-se que o sofrimento decorrente do pesadelo, a prática do bullying que vivencia e a incompreensão dos membros da família frente à inquietação

emocional pela qual passa constituem os três principais fatores que impulsionam a decisão da personagem de cometer o suicídio. Na concepção de Émile Durkheim (1982), essa prática consiste na ocorrência de morte resultante direta ou indiretamente de ação positiva ou negativa, em que a vítima é a própria autora e consciente do resultado.

No caso da personagem, esse resultado é interrompido nas inúmeras formas que busca para ceifar a própria existência, o que configura tentativa, ou seja, “[...] ato assim definido, mas interrompido antes de resultar em morte.” (DURKHEIM, 1982, p. 16). Essas tentativas refletem o estado de sofrimento em que se encontra a personagem, perdida na impossibilidade de reter a grande quantidade de estímulos no aparelho cerebral. Para uma criança de dez anos, idade com a qual tenta pela primeira vez o suicídio, essa prática é o limite entre a permanência da afetação psíquica e sua libertação. Assim, Líbia descreve as tentativas:

Busquei várias formas de acabar com a minha vida. A primeira foi me lançando nas correntezas das águas de um pequeno rio que banhava as terras em que nasci. Esperei pacientemente, durante meses a época de chuvas, em que o leito das águas ganhava uma profundidade perigosa e me lancei contra a corrente. Nada aconteceu, ou melhor, tudo aconteceu. Mal as águas começaram a me arrastar, não sei como, fui empurrada para junto de uns galhos de árvores que estavam atravessados no percurso da correnteza. Ali fiquei emaranhada, com o meu vestido agarrado aos ramos, sem conseguir me desvencilhar da árvore da vida. [...]. (EVARISTO, 2016, p. 89).

E, novamente, fui protegida pela vida, quando, mais ou menos um ano depois, resolvi ingerir qualquer veneno. Eu sabia que no armário lá de fora, na casinha onde ficavam guardadas as ferramentas dos homens cultivarem a terra, havia algumas caixas de pesticida. Era lá também que ficava a soda caustica, que eu sabia ser algo mortífero, pois uma caveira aparecia desenhada na lata, mas desconhecia o uso que era feito desse produto. Pouca importância tinha, eu só queria morrer à força, à minha força, embora naquele momento já não acreditasse mais que a morte só visitasse os que estivessem dormindo. Entretanto, o êxito de um extermínio de mim contra mim, novamente, me escapou. [...]. (EVARISTO, 2016, p. 89-90).

A terceira tentativa de acabar comigo mesma foi muito tempo depois, eu já tinha vinte três anos [...]. Uma noite, depois de uma festa de despedida com os colegas de faculdade em um sítio, devido à distância que nos separava da cidade, foi preciso pernoitar ali. Entrei em pânico, já havia bebido um pouco e estava caindo de sono. Adormeci para acordar logo depois aos gritos e chorando. Passados os primeiros minutos de susto de meus colegas e dos donos da casa, o episódio se tornou deboche. E, na semana seguinte, eu era vítima de cruel zombaria tanto na ambiência da faculdade quanto na de meu trabalho. A ideia de suicídio voltou e dessa vez, quase fui vitoriosa no meu intento. Um carro me lançou a grande distância, me quebrei toda, fiquei um ano e meio presa em cima de uma cama. [...]. (EVARISTO, 2016, p. 91-92).

Nas passagens acima destacadas, percebe-se que a infância de Líbia foi mais atormentada do que a fase adulta. Isso se evidencia nas idades com as quais estava quando atentou contra a própria vida. Na primeira tentativa de suicídio, lançando-se contra a correnteza do rio, possuía dez anos; na segunda, buscando ingerir veneno, possuía onze; na

terceira e última, já na fase adulta, lançando-se à frente de um carro, conforme sugere a narração, possuía vinte e três anos.

Um ponto indispensável ao destaque encontra-se na passagem “E, na semana seguinte, eu era vítima de cruel zombaria tanto na ambiência da faculdade quanto na de meu trabalho [...]”, extraída do relato referente à terceira tentativa de suicídio. Diante da reação apresentada após ingressar no sono e perturbada pela recorrência do pesadelo, a personagem revive a prática do bullying, como sofrera na infância. Isso, indiscutivelmente, constitui o gatilho para rememorar os vários apelidos e comentários jocosos que partiam de suas irmãs promovendo, assim, o reacendimento da ideia de suicídio que, ao colocá-lo em prática, quase se concretiza.

As tentativas de ceifar a própria vida narradas por Líbia resultaram infrutíferas. Todas elas, embora decorrentes de uma série de fatores, tiveram como elemento desencadeador o pesadelo, pois, segundo a personagem, “[...] a qualquer momento que eu dormisse, de dia ou à noite, sempre o nefasto sonho me visitava [...].” (EVARISTO, 2016, p. 92). A cada instante em que o estado de vigília dava lugar ao estado de desligamento, ela era perseguida pelo mesmo conteúdo onírico:

[...] eu perdida em algum lugar indefinido, sozinha e vendo alguma coisa grande, muito grande querendo sair de um buraco muito pequeno. O movimento dessa coisa grande rompendo o buraco pequeno era externo a mim, mas me causava uma profunda sensação de dor. (EVARISTO, 2016, p. 92).

A falta de compreensão acerca do significado do sonho a persegue no decurso da vida e essa imagem ainda a atormenta. A inquietação torna-se menos frequente quando Líbia decide buscar ajuda de um profissional da Psicologia, conforme se evidencia no seguinte relato: “Com o passar do tempo, com as mais diversas terapias, análise, hipnose, ioga e exercícios de relaxamento, tive uma ínfima melhora. [...]”. (EVARISTO, 2016, p. 92). Na narrativa, a intervenção psicológica apresenta-se como uma alternativa para buscar a compreensão desse conteúdo onírico a fim de adaptar-se de maneira mais adequada à situação em que se encontra.

O entendimento desse conteúdo revela-se em uma festa de comemoração de cinquenta anos do irmão caçula, que - na infância - também era banido quando Líbia ia buscar amparo no quarto dos pais. No momento da celebração, “Recordações de nossas infâncias foram chamadas à tona. E houve um momento particularmente meu; foi logo depois que ele soprou a vela e cortou o primeiro pedaço de bolo.” (EVARISTO, 2016, p. 93). Na narrativa, o bolo constitui o elemento que a faz desejar a maternidade, confundindo a imagem desse filho com o rosto do irmão caçula, e a desperta para a rememoração de um episódio da infância.

Em relação a esse momento de insight, a personagem - no exato instante em que vê o bolo sair das mãos do irmão para as mãos da esposa, que na sequência oferece à filha e esta, tendo Líbia como a tia preferida, a oferece - relata, ao se voltar para o caçula e entregar-lhe o pedaço de bolo: “[...] recuperei visões do profundo de minhas lembranças, minha tia presente confirmou a história. Uma volta no tempo me permitia significar um sofrimento que eu vinha carregando a vida inteira.” (EVARISTO, 2016, p. 93).

A imagem desse movimento da passagem do bolo de uma mão para outra sugere, na narrativa, o fortalecimento da união entre os dois irmãos, cumplicidade que vem desde a infância, e o fechamento de um ciclo, já que revela os elementos e o cenário os quais constituem o conteúdo onírico, causa do sofrimento psíquico de Líbia.

Eu tinha visto o meu irmãozinho nascer. Pequena, de pé, agarrada ao berço, no qual eu dormia, no quarto de meus pais, assisti a todo o trabalho de parto de minha mãe. O neném estava nascendo antes do tempo. Os grandes, devido à gravidade do momento, se esqueceram de minha presença. Minha mãe sangrava e gritava. Eu, abandonada por todos no berço, perdida em algum lugar indefinido, sozinha e vendo alguma coisa grande, muito grande, querendo sair de um buraco muito pequeno. O movimento dessa coisa grande rompendo o buraco pequeno era externo a mim, mas me causava uma profunda sensação de dor. (EVARISTO, 2016, p. 93-94).

O conto “Líbia Moirã”, da escritora Conceição Evaristo, não somente se constrói a partir de um tratamento especial dado à linguagem, proporcionando descrições e relatos que intensificam a expectativa do leitor no que diz respeito à revelação do conteúdo onírico que ocorre no final da narrativa, como também disponibiliza uma série de elementos e situações que suscitam discussões e reflexões no contexto da Psicologia. Isso porque o texto literário possibilita a entrada nos problemas da vida e a percepção da complexidade do mundo e dos seres.

Essa possibilidade é viabilizada, também, pela “escrivência”, a qual promove a troca de experiências e a constituição de maneiras de subjetivação, de discursos e práticas cuja finalidade consiste em posicionar as mulheres em relação a situações de suscetibilidade. No caso da personagem Líbia Moirã, situação de fragilidade emocional, que a fez vivenciar tanto a dor do sofrimento psicológico em que se encontrava quanto da incompreensão das outras pessoas em relação à gravidade das consequências dessa dor.

REFERÊNCIAS

BRASIL, L. A. A. Escrever ficção: um manual de criação literária. São Paulo: Companhia das Letras, 2019; 400p.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. Vários escritos. 3 ed. São Paulo: Duas cidades, 1995; 358p.

COSTA, S. A.; HILLESHEIM, B. Ser Mulher Negra: Existência e Resistência nos Contos de Conceição Evaristo. *Estud. pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro, ago. 2022; v. 22, n. 2, 505-522.

EVARISTO, C. Insubmissas lágrimas de mulheres. 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Malê, 2016; 142p.

EVARISTO, C. Líbia Moirã. In.: _____. Insubmissas lágrimas de mulheres. 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Malê, 2016; 87-94p.

EVARISTO, C. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, M. A. (Org.). Representações performáticas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007; 16-21p.

EVARISTO, C. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, N.; SCHNEIDER, L. (Orgs.). Mulheres no mundo: etnia, marginalidade, diáspora. João Pessoa: Ideia: Editora Universitária - UFPB, 2005; 201-212p.

FANTE, C. Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas, SP. Verus Editora, 2005.

FILHO, A. L.; MATOS, S. R. L. A subjetividade da experiência de ser negro. *Cad. Pesqui.* (Fund. Carlos Chagas), São Paulo, v. 54, e10859, 2024, e-ISSN 1980-5314; 1-5p.

FREUD, S. (1996). Além do princípio de prazer. In: FREUD, S. Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol.18). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).

2303

GELLHAUS, A. Aspectos cognitivos da literatura. *Pandaemonium*, São Paulo, v. 15, n. 19, Jul./2012; 1-16p.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. Vocabulário da psicanálise. Trad. Pedro Tamen. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001; 552p.

MITIDIARI, A. L.; SILVA, M. C. S. Com Roland Barthes, reinventam-se vidas pulverizadas. *Revista Língua & Literatura*, v. 17, n. 29, dez. 2015; 91-105p.

SCHOR, D. Heranças invisíveis do abandono afetivo: um estudo psicanalítico sobre as dimensões da experiência traumática. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016; 150p.

SIMAS-ALMEIDA, L. Literatura e emoções: A função hermenêutica dos afetos. Coimbra: Imprensa Universitária de Coimbra, 2019; 336 p.

ZAVARONI, D. M. L.; VIANA, T. C. Trauma e Infância: Considerações sobre a Vivência de Situações Potencialmente Traumáticas. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, Jul-Set 2015, Vol. 31 n. 3; 331-338p.